



## Bate-papo poético com Antônio Francisco

Ailton Siqueira

Antônio Francisco é um dos maiores poetas da nossa região. Nascido em 21 de outubro de 1949, num bairro chamado Lagoa do Mato, cidade de Mossoró-RN, ele é poeta popular, xilógrafo, compositor e até hoje ainda trabalha confeccionando placas. Antônio Francisco não nasceu poeta. Quando a poesia soprou em seu coração e se fez verbo em sua boca, ele já tinha mais de quarenta anos. A poesia o fez um poeta que escreve com toda aquela força e vida que tem a palavra quando quer nascer. No dia 15 de maio de 2006 tomou posse na Academia Brasileira de Literatura de Cordel – ABLIC, na cadeira de número 15, patronímica do poeta cearense Patativa do Assaré. Foi com uma das obras de Patativa em suas mãos que ele nos recebeu, eu e o fotógrafo Allan Phablo, que registrou algumas imagens poéticas de sua casa e de nossa conversa. Esse encontro aconteceu no dia 20 de janeiro de 2022. Era um final de tarde que não me deixou com vontade de olhar o pôr-do-sol, porque o brilho mais intenso estava nos sorrisos de Nira, sua esposa, e nos repentes, que de repente, o poeta criava uma anedota, um repente ou uma historinha. Entre um café e, posteriormente, uma dose de whisky, eu propus uma brincadeira: fazer algumas perguntas ao poeta e ele responder, num repente, em versos. Ele aceitou o desafio e tudo ocorreu assim:

**Ailton Siqueira:** Antônio Francisco, você sempre lê o que você mesmo escreve?

**Antônio Francisco:** Recentemente descobri que quando a gente escreve é um, quando a gente lê é outro. Aprendi isso lendo eu mesmo, um cordel que eu tinha escrito há tempos atrás.

**A.S.:**

Qual é a coisa mais importante na humanidade?

**A.F.:**

O que vale na humanidade  
É seu coração e sua humildade.

**A.S.:** Como você vê o professor, hoje?

**A.F.:** Todo professor para mim é muito grande. Ele tem que fazer o aluno se apaixonar pela vida.

**A.S.:** Você sempre gostou de ler?

**A.F.:**

Eu era soldador, mas que lia.  
Eu era sapateiro, mas que lia.  
Eu era pintor, mas que lia.  
Quando a gente lê,  
A gente é mais.  
Até uma mãe, quando lê,  
É mais mãe.

**A.S.:** E como está o ser humano, hoje?

**A.F.:**

Aquele homem de outrora  
Que vivia disfarçado  
Jogou o disfarce fora  
E agora está desmascarado.

**A.S.:** E nessa quarentena, deu para se aprender alguma coisa?

**A.F.:**

A quarentena deixou  
O mundo de pés descalços  
Mas em troca, ela acabou  
Com muitos abraços falsos.

**A.S.:** Você leu alguma obra durante essa quarentena?

**A.F.:**

Nessa quarentena eu li tanto  
Que passei da cota  
É tanto que descobri  
Que fiquei mais idiota.

**A.S.:** E como foi seu dia-a-dia nessa pandemia?

**A.F.:**

Nessa quarentena minha  
Às vezes, até eu me zango  
Pois tirei ela todinha  
Comendo peito de frango.

**A.S.:** A pandemia nos afetou igualmente enquanto seres humanos?

**A.F.:**

Nessa pandemia cega  
O pobre é quem se consome  
Se ficar em casa a fome pega  
Se for pra rua, o vírus come.

**A.S.:** O quintal de sua casa está mais verde. Até parece um roçado, com muitas plantas, limpo, frutas e até uma enxada.

**A.F.:**

Disse a enxada de aço à caneta  
Você tem nome  
Mas se não fosse meu braço  
Você morreria de fome.

**A.S.:** Então, você tem sonhado e brincado ainda mais com as palavras?

**A.F.:**

Fiz uma máscara da fronha  
De todos os pecados meus.  
Agora estou com vergonha  
De mostrar meu rosto a Deus.

Em meio a nossa conversa, chegou outro poeta: José Di Rosa Maria, outro conhecido poeta mossoroense que fez aumentar a polifonia de nosso diálogo. Parece que na casa do poeta as portas são feitas de palavras que convidam outras palavras para entrarem nela e prostrar. Depois dessa brincadeira com o poeta, percebi que quando a gente brinca com as palavras a gente diz muitas coisas sérias. Para brincar com palavras, como o poeta, é preciso dominá-las e deixá-las, livremente, tomar conta de nossa boca. A sensação que tive foi que há muitas palavras querendo falar em nossas bocas, palavras que, talvez, só esperem um instante-já para se eternizarem.